

Fórum da Reforma Agrária quer alimentação e agricultura fora da OMC

por [Imprensa](#)

Por **Maurício Thuswohl, da Agência Carta Maior* - 10/12/04**

Valência - Reafirmar o acesso à terra como direito de toda a humanidade e retirar as questões relativas à alimentação e à agricultura das discussões travadas no âmbito da Organização Mundial do Comércio [OMC] e dos acordos comerciais bi e multilaterais. Esta foi a principal resolução política definida na declaração final do 1º Fórum Mundial sobre a Reforma Agrária, que terminou nesta quarta-feira [8] em Valência. Após quatro dias de intensa discussão, com a participação de representantes de organizações de mais de 70 países, a mais importante contribuição desse FMRA foi apontar para a unificação de uma agenda de mobilizações que coloque a luta pela reforma agrária como parte integrante da luta estrutural contra as políticas neoliberais que contribuem para aumentar a miséria dos trabalhadores, seja no campo ou na cidade, em todo o mundo.

O fortalecimento do modelo de produção agrícola que prioriza a monocultura e é voltado para a exportação foi identificado no FMRA como principal via de expressão das políticas neoliberais que hoje são impostas aos países mais pobres e impedem o desenvolvimento dos trabalhadores rurais. Segundo a declaração final do fórum, esse modelo é 'baseado na privatização e transformação da terra, da água, das florestas, da pesca, das sementes, do conhecimento e da vida', e tem como principal objetivo proporcionar 'benefícios corporativos e a intensificação da produção para exportação'. O documento afirma ainda que o modelo neoliberal 'é responsável pela crescente concentração de terras, recursos e cadeias de produção e distribuição de alimentos e outros produtos agrícolas nas mãos de um grupo reduzido de corporações'.

Em oposição ao modelo agro-exportador, o FMRA defende o fortalecimento da agricultura camponesa e familiar voltada para os mercados locais como ferramenta para garantir a soberania alimentar das nações. Este modo de produção agrícola, segundo a declaração final do encontro, 'é potencialmente mais produtivo por unidade e superfície, mais compatível com o meio ambiente e muito mais capaz de proporcionar uma vida digna às famílias rurais ao mesmo tempo em que proporciona aos consumidores rurais e urbanos alimentos são, baratos e produzidos localmente'. De acordo com os participantes do fórum, o modelo neoliberal dominante está empurrando a agricultura familiar e camponesa para a extinção.

Os programas de ajustamento estrutural aos quais os países menos desenvolvidos

foram obrigados a se adaptar devido à pressão das instituições de Bretton Woods, como o Banco Mundial e o FMI, foram apontados no FMRA como o pilar onde está ancorado o modelo agro-exportador. O regime de livre comércio imposto pela OMC é identificado na declaração final do fórum como responsável pelo fato de os governos desses países 'terem retrocedido na redistribuição de terras e abdicado de sua obrigação de oferecer serviços básicos como saúde, educação, segurança social, proteção para os trabalhadores, sistemas de alimentação pública e apoio comercial para os pequenos produtores'.

Esforço Pelo Consenso

Aconteceram algumas divergências, ocorridas principalmente entre as organizações que fazem parte da Via Campesina e queriam um texto mais duro contra a OMC e outras que ainda vêem os organismos multilaterais de financiamento como possíveis parceiros no futuro. Apesar disso, a elaboração e aprovação da declaração final do FMRA ocorreu em clima de unidade e tranquilidade, mostrando que as diversas organizações acumularam um nível razoável de maturidade: 'O esforço realizado para se chegar a um consenso na elaboração da declaração final do fórum é uma demonstração clara de que os camponeses do mundo inteiro não aceitam mais a exclusão da reforma agrária da agenda política dos governos e dos organismos internacionais', afirmou o brasileiro Plínio de Arruda Sampaio.

Para o economista egípcio Samir Amin, um dos pontos fortes do FMRA foi ter comprovado de uma vez por todas que a luta pela reforma agrária não é uma coisa do passado: 'O fórum demonstrou que os processos ocorridos no passado, tendo eles conhecido maior ou menor êxito, são uma etapa superada e que a luta pela reforma agrária se dá atualmente sob um novo patamar de transformação da sociedade', disse. A grande presença de jovens no evento, segundo Amin, prova que a reforma agrária é uma bandeira do presente: 'Vimos muitos jovens, alguns de origem urbana, que querem viver no campo e querem uma nova forma de viver no campo, com maior justiça social. Não são jovens arcaicos. Pelo contrário, são jovens bastante modernos', disse.

Coordenador da organização do FMRA, o espanhol Vicent Garcés saudou o fórum como 'um grito de esperança' para todos os trabalhadores: 'Nos dias de hoje, temos três bilhões de camponeses espalhados pelo mundo que não sabem o que vai ser deles amanhã. Neste fórum, construímos uma grande unidade frente aos desafios gigantescos que tem pela frente a humanidade, sobretudo os trabalhadores do campo', disse. Garcés avalia que, a partir do FMRA, o momento passa a ser de viabilizar na prática a agenda comum de lutas: 'Nosso maior desafio agora é construir uma maior e melhor articulação entre as entidades e movimentos sociais que aqui estiveram presentes', disse.

Alguns acréscimos

Apesar do clima consensual em que foi elaborada a declaração final do FMRA,

algumas lacunas no documento foram apontadas pelos participantes durante a plenária de encerramento do fórum. Foi reivindicada uma presença menos tímida de temas como o direito das mulheres, dos jovens, dos indígenas e das populações excluídas. Representante dos camponeses da Catalunha, Xávi Caetán pediu que a declaração mencionasse o papel contrário à reforma agrária desempenhado pelos governos desenvolvidos, sobretudo os da Europa: 'Os governantes e a elite europeia devem mudar sua postura. Não adianta ficarmos aqui discutindo a soberania alimentar nos países menos desenvolvidos enquanto nossas grandes empresas continuam adquirindo gigantescos pedaços de terra no Sul apenas para transformá-los em pastos', disse.

Representante dos camponeses da Palestina, Judeh Jamal pediu que a declaração final do FMRA mencionasse a política de força utilizada por Estados Unidos e Israel como fator determinante para a miséria de camponeses em diversos pontos do planeta: 'Temos a obrigação de trazer mais informações sobre esse problema. Hoje, camponeses da Palestina, do Afeganistão e do Iraque estão morrendo de fome por conta da política da força exercida por Estados Unidos e Israel', disse.

Jamal ressaltou que o problema desses camponeses é também um problema de todo o mundo, e citou um belo exemplo para comprovar isso: 'Atualmente, por falta de alternativas de produção dignas, os camponeses do Afeganistão são responsáveis pela produção de 80% da heroína que é vendida na Europa. Não podemos ter medo de, ao lutar pela reforma agrária, denunciarmos nossos verdadeiros inimigos', disse. Todos os acréscimos pedidos serão incluídos numa versão definitiva da declaração política do FMRA, que será divulgada oficialmente durante a quinta edição do Fórum Social Mundial, que acontece em janeiro de 2005, em Porto Alegre.

**** Agência Carta Maior disponibilizou uma equipe de jornalistas para cobrir o 1º Fórum Mundial Sobre a Reforma Agrária, em Valência. A Cobertura jornalística foi realizada com apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário do Brasil.***